



INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Trump nega regulação, ONU vê ameaça à vida

Presidente norte-americano denuncia “conspiração doentia” e “farsa” sobre a IA. Conselho de Segurança das Nações Unidas anuncia reunião, na próxima semana, para debater tema. Especialistas revelam ao **Correio** preocupações com a tecnologia

» RODRIGO CRAVEIRO

Declaração recente do britânico Jacob Coxon, pesquisador de inteligência artificial e ex-funcionário da OpenAI e da Anthropic, acendeu o alerta sobre os riscos inerentes à nova tecnologia. “As pessoas que estão construindo a IA acreditam sinceramente que ela pode matar todos até o fim da década. Isto não é uma jogada de marketing”, destacou Coxon. Ontem, o Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) anunciou que realizará uma reunião para debater o tema na próxima semana, em Nova York. Uma fonte diplomática da França, que ocupa a presidência rotativa do Conselho, disse concordar que a IA representa uma “ameaça existencial” para a segurança mundial.

Por sua vez, Volker Türk, alto comissário da ONU para os Direitos Humanos, avisou: “Estamos à beira de uma mudança irreversível, que afeta não apenas nós, mas também as futuras gerações”. Turk instou uma ação urgente de mobilização das estruturas multilaterais para regulamentar a IA. E foi além: “Todos os direitos humanos estão ameaçados por essa tecnologia, incluindo o direito à vida”.

Apesar das advertências, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, denunciou uma “conspiração doentia” contra a IA e descartou regulamentar a indústria do setor. “A IA assumir o controle do mundo, destruir a humanidade e todas essas coisas ruins é uma farsa”, reagiu Trump em sua plataforma Truth Social. “Existe uma conspiração doentia em curso contra a IA e os centros de dados, e a única parte feliz com isso é a China”, afirmou.

Dário Amodei, diretor-executivo da Anthropic, engrossou o coro dos críticos sobre a maneira e a velocidade com que a IA tem se desenvolvido. Ele cobrou uma desaceleração da tecnologia. “Precisamos controlar o ritmo na fronteira tecnológica. (...) O ritmo de desenvolvimento não significa interromper o treinamento de modelos ou o progresso técnico, mas sim garantir que as empresas dediquem tempo suficiente para alinhar e proteger seus modelos, e que avaliadores externos possam confirmar isso. Nossa estrutura de ritmo é uma tentativa

Kent Nishimura/AFP



Donald Trump: “A IA assumir o controle do mundo, destruir a humanidade e todas essas coisas ruins é uma farsa”

Arquivo pessoal



podem produzir informações incorretas com extraordinária fluência, enquanto a automação progressiva pode enfraquecer justamente aquilo que a medicina mais precisa preservar: dúvida, raciocínio crítico e capacidade de reconhecer quando algo não faz sentido.

PALAVRA DE ESPECIALISTA

O risco de um erro em escala

“Na saúde, um erro humano costuma ter endereço. Um erro algorítmico pode ter escala. Essa talvez seja a fronteira mais delicada da inteligência artificial aplicada à medicina: sistemas capazes de ampliar extraordinariamente nossa capacidade de diagnosticar, prever e organizar o cuidado também podem multiplicar, com velocidade e aparência de precisão, erros que antes permaneceriam localizados. A inteligência artificial não conhece o paciente. Conhece dados

sobre ele. E dados não são a realidade: são uma representação necessariamente incompleta, produzida por sistemas de saúde que carregam desigualdades, ausências e escolhas históricas. Quando algoritmos aprendem com esse passado, podem transformar injustiças existentes em previsões aparentemente neutras. O preconceito deixa de parecer parcialidade porque passa a chegar vestido de matemática. Há ainda um risco mais silencioso. Quanto melhores se tornam essas ferramentas, maior a tentação de substituir julgamento por confiança. Sistemas generativos

sobre ele. E dados não são a realidade: são uma representação necessariamente incompleta, produzida por sistemas de saúde que carregam desigualdades, ausências e escolhas históricas. Quando algoritmos aprendem com esse passado, podem transformar injustiças existentes em previsões aparentemente neutras. O preconceito deixa de parecer parcialidade porque passa a chegar vestido de matemática. Há ainda um risco mais silencioso. Quanto melhores se tornam essas ferramentas, maior a tentação de substituir julgamento por confiança. Sistemas generativos

de reforçar ainda mais nosso compromisso com a segurança e incentivar uma corrida rumo à excelência”, escreveu o chefe da Anthropic.

Avanço

A inteligência artificial impacta o futuro de várias áreas da sociedade: emprego, saúde, defesa, biossegurança, educação, energia

nuclear, entre outras. Cientista da computação britânico e professor da Universidade da Califórnia, Berkeley, Stuart J. Russell afirmou ao **Correio** que a inteligência artificial está se movendo tão rapidamente, que podemos ter chegado ao ponto em que os sistemas de IA são mais inteligentes do que nós em um senso prático: eles são capazes de ditar o que acontece, e nós não.

“Minhas preocupações principais são a perda de controle irreversível, conforme previsto pelo matemático inglês Alan Turing em 1951. Não é fácil mantermos o poder para sempre sobre entidades mais poderosas do que nós mesmos”, advertiu. “Uma vez perdido o controle, deixamos de ter qualquer voz sobre a nossa própria continuidade.” Outra preocupação de Russell diz

respeito a uma possível falha sistêmica. “Isso envolveria uma deterioração e o colapso da coesão social humana — incluindo os sistemas econômicos — ou uma dependência e enfraquecimento permanentes”, afirmou. “Também apontaria o uso indevido catastrófico da IA por parte de humanos, como, por exemplo, a criação de novos patógenos ou ataques a infraestruturas críticas.” Para

Eu acho...

Peg Skorpinski



“Máquinas substituíram centenas de milhões de empregos e funções rotineiras. Porém, isso ocorreu de forma gradual. Novos empregos foram criados simultaneamente. A onda de IA começa a substituir todo tipo de trabalho humano, desde dirigir táxis até redigir contratos e artigos. O processo pode ocorrer rapidamente e em escala massiva, e a IA assumirá os novos empregos. Quando não pudermos mais vender nossas habilidades físicas e mentais, o que nos restará?”

Stuart J. Russell, professor da Universidade da Califórnia, Berkeley

Russell, a recusa de Donald Trump em regular a IA não parece se basear em fatos sobre a tecnologia.

Professor de matemática da Universidade Stanford, Mohammed Abouzaid disse ao **Correio** que as ferramentas mais poderosas da IA estão nas mãos de poucas empresas. “A questão de saber se os matemáticos se tornarão dependentes dessas empresas ou se conseguirão construir os próprios sistemas alternativos é motivo de grande preocupação para a área”, comentou. “Assim como outras atividades humanas, a matemática depende tanto de trabalho quanto de capital para produzir conhecimentos. À primeira vista, pode parecer que as capacidades da IA visam substituir humanos na produção matemática. Isso só ocorreria se não houvesse um efeito de complementaridade — se as ferramentas de IA não permitissem a criação de uma quantidade tão maior de matemática a ponto de necessitarmos de muito mais matemáticos para compreendê-la. O resultado ficará claro com o tempo”, concluiu Abouzaid, vencedor do Prêmio New Horizons in Mathematics.

ORIENTE MÉDIO

Israel investiga cineastas

Os codiretores do documentário NAZA, que investiga os métodos usados por Israel no território palestino da Faixa de Gaza, no revide pelos ataques de 7 de outubro de 2023, estão sob ameaça de perder a cidadania israelense, sob a acusação de “traição ao Estado”. Yuval Abraham e Rachel Szor, que receberam o prêmio especial do júri no Festival de Cinema de Veneza, são objeto de outra investigação. Nela, o ministro da Cultura, Miki Zohar, demanda a identificação das fontes, citadas no filme, que denunciavam o uso de inteligência artificial para orientar ataques de revanche contra alvos palestinos — supostamente, ligados ao movimento islâmico Hamas.

Nos dois anos e meio desde as incursões terroristas em solo israelense, mais de 73 mil palestinos foram mortos no território.

Na imensa maioria, civis, com expressiva quantidade de mulheres, crianças e adolescentes.

O ministro acusa os cineastas de “falharem com seu dever de lealdade ao Estado e de colaborarem com o inimigo”, em mensagem que publicou na rede social X. “Também solicitei uma investigação sobre como esses materiais foram obtidos, quem está por trás deles e se as atividades que levaram à sua coleta e publicação poderiam ter ajudado o inimigo em tempos de guerra”, acrescentou. O pedido foi encaminhado por Zohar ao Ministério do Interior.

O primeiro-ministro Benjamin Netanyahu qualificou o filme como “chocante”, e reforçou o ataque aos realizadores. “Estamos combatendo provocações antissemitas em todo o mundo, mas quando vêm de nossos próprios cidadãos, é simplesmente intolerável”, afirmou o

premiê, em vídeo publicado no X. O título toma emprestado o acrônimo, em hebraico, para “dano colateral”, embora evoque também uma fusão entre “Gaza” e “nazi”, referência ao nazismo e ao Holocausto dos judeus na Alemanha, antes e durante a 2ª Guerra Mundial (1939-1945). O filme foi aplaudido de pé por 25 minutos, na apresentação.

NAZA se baseia em depoimentos anônimos de 24 membros do Exército e dos serviços de Inteligência israelenses, que descrevem como, segundo eles, as forças do Estado judeu matam civis deliberadamente ao tentar eliminar membros do Hamas. No documentário, com 80 minutos de duração, os entrevistados explicam como diversos sistemas tecnológicos, inclusive alguns baseados em inteligência artificial, permitem aos militares localizar, pelos celulares, supostos membros do

Hamas e suas famílias, para então atacar suas residências. Na sinopse oficial, Abraham e Szor afirmam que o filme “detalha os sistemas por trás do assassinato em massa, calculado, de civis em Gaza”.

“As acusações apresentadas (no filme) são falsas e distorcidas, e rejeito categoricamente a tentativa de retratar soldados israelenses e o Estado de Israel como autores de crimes intencionais”, escreveu o ministro da Cultura, em carta endereçada à pasta do Interior. No agradecimento ao júri pela premiação, Abraham sustentou que as informações foram apuradas “com rigor”, e classificou os esforços do governo para desacreditá-las como “tentativas de não encarar a realidade”. Falando à agência de notícias Associated Press (AP), o codiretor foi mais incisivo. “Esta é uma guerra que está matando civis, principalmente”,

Omar Al-Qattaa/AFP



Sala de aula improvisada em Gaza: ofensiva divide israelenses

declarou. “Não é nada acidental, mas muito, muito sistêmico.”

As Forças de Defesa de Israel (IDF, em inglês), depois de ter “rejeitado categoricamente” as acusações contidas no filme, divulgaram nota em que o general Effie Defrin afirma, que, “com base no material promocional” — NAZA ainda não entrou em cartaz —, “ele apresenta uma série de alegações falsas”. O oficial desafiou os produtores a “permitir que

as IDF assistam à íntegra”, para eventualmente “comentar cada uma das alegações”. Os realizadores, no entanto, receberam o apoio de mais de 700 personalidades da indústria cinematográfica, em uma petição na qual denunciavam “uma campanha de incitação e vilificação” do documentário. “Ele levanta questões que devem ser examinadas, não silenciadas”, disse o ator Shlomi Elkabetz, um dos signatários.